

A
Caçadora
de Arz

AMOSTRA

AMOSTRA

A Caçadora de Arz

As dunas de Arawiya
Hafsah Faizal

Tradução
Flavia de Lavour



MORROBRANCO
EDITORA

Rio de Janeiro, 2025

A CAÇADORA DE ARZ

Copyright © 2025 MORRO BRANCO

MORRO BRANCO é uma editora do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2019 Hafsah Faizal

ISBN: 978-65-6099-014-2

Translated from original We Hunt the Flame Copyright © 2019 Hafsah Faizal. ISBN 9780374311544. Published by Farrar, Straus and Giroux. Translation rights arranged by ADAMS LITERARY and Sandra Bruna Agencia Literaria, SL. PORTUGUESE language edition published by Morro Branco, Copyright © 2025 by STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

Fl54c

1.ed. Faizal, Hafsah

A Caçadora de Arz / Hafsah Faizal ;

tradução Flavia de Lavor. – 1.ed. – Rio de Janeiro : Morro Branco, 2025.

480 p. : 13,5 x 21 cm.

ISBN 978-65-6099-014-2

1. Romance norte-americano. I. Lavor, Flavia de. II. Título.

11-2024/51

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura norte-americana 813

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra foi formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books
Diretor Editorial: Anderson Vieira
Vendas Governamentais: Cristiane Mutüs
Gerência Comercial: Claudio Lima

Coordenadora Editorial: Illysbelle Trajano
Produtor Editorial: Marlon Souza
Tradução: Flavia de Lavor
Copidesque: Bárbara Waida
Revisão: Ana Beatriz Omuro
Diagramação: Diego Santos


ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br
Ouidoria: ouvidoria@altabooks.com.br



Editora
afiliada à:



*Para minha mãe,
por moldar meu coração,
e meu pai,
por transformá-lo em aço.*

AMOSTRA

O amor é para as crianças, disse a garota.

A morte é para os tolos, disse a sombra.

A escuridão é meu destino, disse o garoto.

A lealdade é minha ruína, disse a águia.

O sofrimento é nosso destino, disse a bela.

E todos estavam terrivelmente errados.



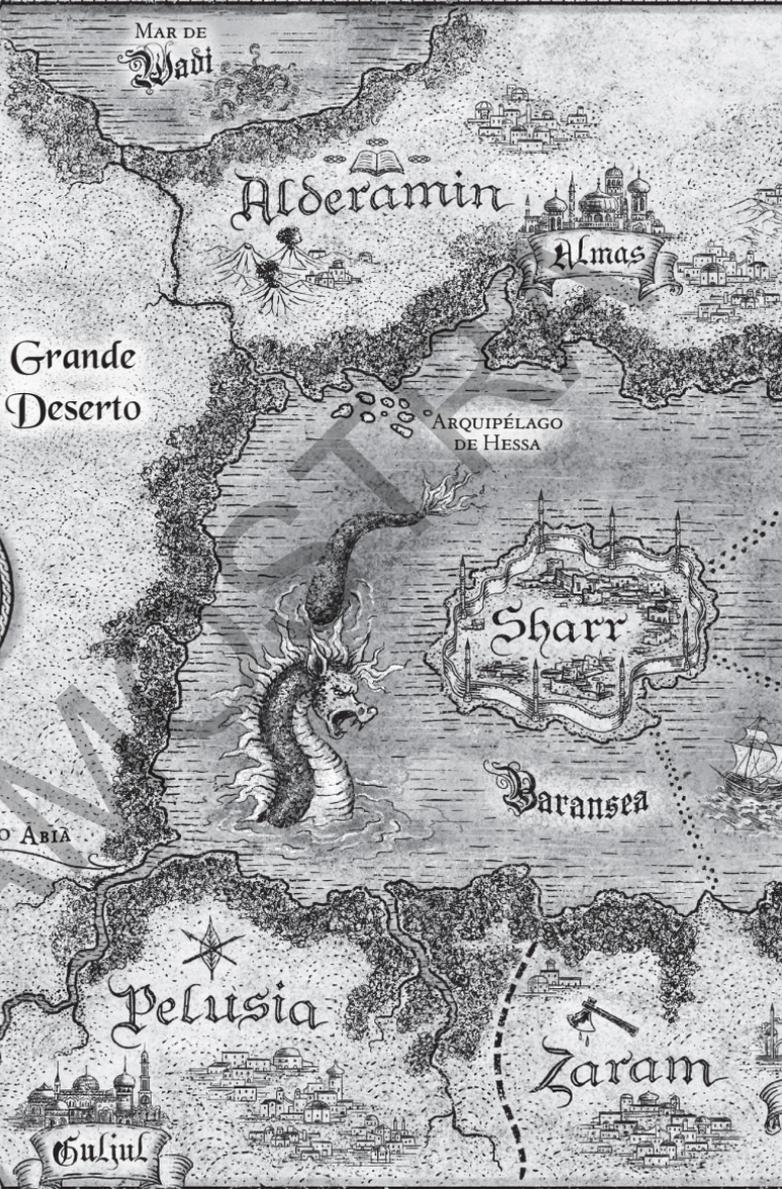
Anadil



Abal



Alhena



MAR DE Wadi

Alderamin

Almas

Grande Deserto

ARQUIPÉLAGO DE HESSA

Sharr

Baransea

RIO ABIA

Pelusia

Zaram

Guljul

Arawinã



Ato 1

Prateada como
a Lua Crescente

As pessoas continuavam vivas porque ela matava. E se para isso tivesse de se aventurar por Arz onde até mesmo o sol tinha medo de bater, que seja.

Num dia bom, Zafira bint¹ Iskandar achava que era mais corajosa do que o próprio sol. Na maioria dos dias, mal podia esperar até que a sombria Arz ficasse para trás e ela estivesse firmemente assentada nas planícies de seu califado,² com a daama³ neve e tudo o mais.

Hoje era um daqueles dias, apesar dos chifres ásperos em sua mão. Ela se libertou da prisão amaldiçoada da floresta, fingindo que seu suspiro era devido à conclusão da tarefa e não um produto do medo profundo que se desatava em seu coração. O sol da manhã deu um beijo de boas-vindas em suas bochechas.

Marhaba para você também, covarde.

A luz do sol era sempre fraca no califado de Demenhur, pois o sol não sabia o que fazer com a neve que deveria ser areia.

Diante dela, a branca imensidão se estendia suave e intocada, presenteando-a com um momento de contentamento em meio à solidão, embora ela sentisse os pés dormentes e o ar frio a fizesse enrugar o nariz. Porque, num califado onde as ações de uma mulher sempre corriam o risco de se voltar contra ela, não era nada fácil fingir ser um homem. Ainda mais quando se tinha as curvas, a voz e o porte de uma mulher.

Ela arrastou a carcaça do cervo, uma trilha de vapor em seu rastro, a neve manchada de um vermelho sinistro. Havia

1 Os nomes árabes são formados pelo nome próprio e pelos termos *bint* para filha e *bin* para filho. [N. T.]

2 Califados são os estados que compõem Arawiya, o reino em que se passa a história. [N. T.]

3 Maldito/a. [N. T.]

uma promessa no ar. Uma quietude na terra e nas árvores sussurrantes.

Não é nada. A paranoia tinha a mania de visitá-la nos momentos menos oportunos. Ela estava à flor da pele por causa do casamento iminente, só isso.

Sukkar relinchou do tronco podre onde ela o prendera, fundindo-se à neve com seu pelo quase branco. Enquanto prendia o cervo em sua sela, seu cavalo permaneceu imóvel, tão doce quanto o nome que ela lhe havia dado.

— Tivemos uma boa caçada hoje — disse ela ao cavalo, que não tinha feito nada para ajudá-la, antes de montar nele.

Sukkar não reagiu, contente em examinar Arz à distância como se um ifrit⁴ fosse sair da floresta e o engolir de uma bocada só.

— Seu medroso — comentou Zafira com um sorriso nos lábios dormentes.

Embora todos fossem covardes no que dizia respeito à floresta, cada um dos cinco califados que compunham Arawiya tinha medo de Arz, pois o lugar também cercava aquelas terras. Era uma maldição que compartilhavam desde que magia havia sido roubada da terra. Baba⁵ ensinara a Zafira que Arz, de certa forma, era apenas uma floresta. Ensinara várias maneiras de usá-la em seu benefício. Maneiras de acreditar que poderia domá-la, quando na verdade não podia. Ninguém podia.

A morte dele era prova disso.

Zafira levou Sukkar para longe da floresta em direção à clareira mais próxima de Demenhur. No entanto, Arz sempre exigia um último olhar. Ela parou e se virou.

A floresta a observava. Respirava. Os esqueletos das árvores estendiam os dedos retorcidos cercados por sombras rodopiantes.

Alguns diziam que devorava os homens como os abutres aos mortos. Ainda assim, Zafira voltava dia após dia, caça após caça. Sabia que cada incursão poderia ser a última e, embora

4 Seres criados de um fogo que não exala fumaça. [N. T.]

5 Pai. [N. T.]

jurasse não sentir medo de muita coisa, perder-se na floresta era seu maior medo.

Por outro lado, havia algo dentro dela que apreciava aquelas visitas às profundezas da escuridão. Zafira detestava Arz. Detestava tanto que ansiava por ela.

— Akhh,⁶ há tempo de sobra para olhar Arz todo o daama dia — disse ela a Sukkar com uma agitação na voz. — Temos de voltar para o casamento ou Yasmine vai cortar nossas cabeças.

Não que Sukkar se importasse. Zafira estalou a língua e o incitou a seguir em frente, a tensão se desvanecendo de seus músculos à medida que a distância entre eles e Arz aumentava.

Até o ar pesar com outra presença.

Os pelos de sua nuca se arrepiaram, e ela lançou um olhar cauteloso por cima do ombro. Arz olhou de volta para ela, como se prendesse a respiração. Não, quem quer que fosse estava em Demenhur, imitando o silêncio quase tão bem quanto ela.

Quase.

Se havia algo que temia mais do que se perder dentro de Arz era ser pega de surpresa por um homem capaz de provar que ela não era um caçador, mas uma *caçadora*, uma garota de dezessete anos oculta sob o peso da capa com capuz do pai, toda vez que saía para caçar. Então, ela seria excluída e suas vitórias, ridicularizadas. Sua identidade, cruelmente desvendada. Tal pensamento fechou as mãos ao redor de seu coração, o *tum-tum* batendo um pouco mais rápido.

Ela virou Sukkar de volta para Arz, opondo-se à tensa hesitação do animal com um comando baixo sob o vento, suas palavras indecifráveis.

— Yalla. — pediu ela para que ele se apressasse, a voz tensa.

O cavalo sacudiu a crina e seguiu em frente sem protestar. O ar ficou mais escuro assim que se aproximaram da floresta. Engraçado, Zafira estava indo *em direção* ao desconhecido ao primeiro sinal de perigo mortal.

O frio açoitou seu rosto. Um borrão preto veio correndo da direita e um segundo da esquerda. *Cavalos*. Ela mordeu o

.....
6 Exclamação geralmente usada em momentos de frustração. [N. T.]

lábio e conduziu Sukkar entre os dois, esquivando-se quando algo tentou atingir sua cabeça.

— Qif! — gritou alguém, mas quem seria idiota a ponto de *parar*?

Sukkar. Ele empacou na fronteira de Arz e Zafira deu um salto na sela: um lembrete de que ele nunca tinha chegado tão perto da floresta. O cheiro de madeira e decadência invadiu seus sentidos congelados pelo frio.

— Laa.⁷ *Laa*. Agora não, seu medroso — sussurrou ela.

Sukkar abaixou a cabeça, mas não se mexeu. Zafira vasculhou a escuridão silenciosa e sua respiração vacilou. Arz não era o lugar ideal para se dar as costas; não era o lugar para ser pega de surpresa, desavisada e...

Ela praguejou e fez Sukkar dar meia-volta, apesar dos protestos do animal.

O vento uivava, frio e forte. Ela sabia muito bem que Arz ofegava às suas costas. Foi então que viu os dois cavalos bufando a uns quatro trotos dali, com seus pelos escuros como o céu noturno e os corpos musculosos envoltos em cota de malha. Cavalos de guerra.

Criados num único lugar: o califado vizinho de Sarracena.

Ou talvez na Fortaleza do Sultão. Era difícil saber qual dos dois, pois o sultão de Arawiya havia assassinado o califa⁸ de Sarracena a sangue frio, tomando ilegalmente o controle de uma terra e de um exército de que não precisava, ainda mais quando tinha Arawiya sob seu controle e possuía a Guarda do Sultão à sua disposição. Os califas existiam para manter o equilíbrio. Ele não deveria *matá-los*.

Em cima dos cavalos, os braços dos homens eram cheios de músculos e seus rostos, delineados por linhas duras. Eles eram da cor das pessoas que conheciam a vida sob o sol, o fluxo e o refluxo do deserto pelo qual Zafira tanto ansiava.

7 Não. [N. T.]

8 Soberano de um califado. [N. T.]

— Yalla, Caçador — ordenou o homem maior, como se ela fosse um boi a ser pastoreado, e seus olhos se voltaram para a cimitarra nas mãos dele.

Se Zafira tinha alguma dúvida sobre de onde os homens vinham, o timbre da voz dele bastou para saná-la. Sua garganta se fechou. Ser seguida por demenhunes fofos era uma coisa, mas ser atacada por sarracenos era outra bem diferente.

Abaixou a cabeça para que o capuz escondesse mais o rosto. Ela desbravava a escuridão; matava coelhos e cervos. Mas nunca estivera diante de uma lâmina.

Apesar de toda a sua força, os homens mantiveram distância. Até mesmo eles tinham medo de Arz. Zafira ergueu o queixo.

— Para quê? — perguntou sobre o súbito assobio do vento. Ela tinha pessoas para alimentar e uma noiva tão bonita quanto a lua de quem se despedir. *Por que eu?*

— Para conhecer o sultão — respondeu o homem menor.

O sultão? Céus. O homem tinha cortado mais dedos das mãos dos outros do que cabelos da própria cabeça. As pessoas diziam que ele costumava ser um bom homem, mas Zafira achava difícil acreditar naquilo. Ele era um sarraceno, e os sarracenos, segundo lhe tinham dito a vida toda, nasciam sem um grão de bondade no coração.

O pânico tomou conta de seu peito, mas ela abaixou o tom de voz.

— Se o sultão quisesse me ver, ele me mandaria um convite, não seus cães de caça. Não sou um criminoso.

O homem menor abriu a boca ao ser comparado a um cachorro, mas o outro passou a lâmina para a outra mão e se aproximou.

— Não foi um pedido. — Ele fez uma pausa, como se percebesse que seu medo de Arz não permitiria que chegasse mais perto, e então disse: — Yalla. Venha até aqui.

Não. Tinha de haver uma saída. Zafira franziu os lábios ao descobrir qual era. Além da barbárie, os sarracenos também eram conhecidos por seu orgulho.

Ela sussurrou palavras doces para Sukkar. Talvez fosse por causa dos homens, ou dos cavalos de guerra, tão poderosos e